

## Cinema, mídia e poder: embates em *Fahrenheit 9/11*<sup>1</sup>

Ana Mery Sehbe De Carli<sup>2</sup>

Universidade de Caxias do Sul

### Resumo

O artigo levanta características da sociedade contemporânea e seu *modus operandi* no que se refere à produção, distribuição e recepção da informação. A pós-modernidade traz, com suas mudanças, novos modos de teorização e apresentação de trabalhos que, por sua vez, abandonam a rigidez das categorias da ciência e da arte em favor de projetos híbridos, responsáveis pelo desenvolvimento da economia dos bens simbólicos. A cultura das mídias, por sua vez, semeia informação e conhecimento através dos múltiplos meios de comunicação que servem diversos públicos. Esse contexto testemunhou *on-line* o atentado terrorista que destruiu as Torres Gêmeas e abalou a ordem mundial. Desde então, convive-se com a erosão do princípio de uma realidade. A intensificação de informações, em concorrência entre si, sem uma coordenação central, permite o cruzamento, a contaminação das realidades, das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções dos acontecimentos. O objeto de estudo eleito para essas constatações é o Filme *Fahrenheit 9/11* de Michael Moore.<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** meios e mensagens; cinema; informação; conhecimento; mídia; poder.

As ebulições da sociedade adquirem corpo, através das diversas formas e manifestações, desde revoluções político-ideológicas até protestos pacíficos das vanguardas artísticas e culturais. Mais recentemente, os atentados terroristas têm desnordeado governos e populações pela falta de receitas convencionais para tratar do fenômeno. O interesse aqui reside na força poética da constatação ou da denúncia, que se expressa através do cinema e de outras formas de manifestação artística, ou do artista que Baudelaire (1988) já reconhecia como um “relógio adiantado” em relação ao seu tempo.

O artista intui e ousa muito mais que a intelectualidade conservadora, sua sensibilidade estética expressa sem conceitos precisos muito do espírito do tempo. As fabulações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 15 – Semiótica e Comunicação do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Ana Mery Sehbe De Carli, Professora no Departamento de Artes da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do grupo de pesquisa *O sensacional da imagem-produto* – UCS/FAPERGS. Doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUCSP. Mestre na mesma área no mestrado interinstitucional UCS/PUCSP, em 1999. Autora do livro *O Sensacional da moda*, Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002. Organizadora com Ari Trentin do livro *A TV da Universidade*, Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1998. [sdecarli@terra.com.br](mailto:sdecarli@terra.com.br)

<sup>3</sup> *Fahrenheit 9/11*, Michael Moore, EUA 2004, Prêmio: Palma de Ouro em Cannes (normalmente não aceita inscrição de documentários)

decorrentes dessa sensibilidade nada mais são do que mediações simbólicas que nos auxiliam a processar as realidades. São histórias de nós mesmos contadas por e para nós mesmos. Morin (1991, p. 17) diz que cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua. Nessa interação, indivíduos regeneram a sociedade que regenera a cultura.

As fabulações ou mediações simbólicas variam de suporte, manifestam-se nos variados campos da arte, identificam estilos, variam de gênero, do melodrama ao documentário; variam no tempo, do *revival* à ficção, dependendo da intenção do artista e daquilo que contamina temporariamente o espírito do tempo. Quase invariavelmente essas fabulações dizem muito do homem de seus conflitos, crenças, medos e desejos; do mundo das suas lutas de poder, guerras, da violência, degradação ambiental e escassez de recursos; dizem muito da instabilidade das transformações sociais. Nesse cenário das transformações florescem a utopia e a nostalgia, a primeira alimentando a imaginação do futuro e a segunda, a imaginação do passado (IANNI, 1996, p.23). O presente da crise, como disse Calabrese (1988), fica suspenso de empreitadas esclarecedoras ou julgamentos de valor por parte *da intelligensia*.

Quem então arrisca a voz na instabilidade, na incerteza? Quem então formula hipóteses, propõe pistas para reflexão? Quem então pondera sobre as imponderáveis transformações?

### **A evidência da pós-modernidade**

É praticamente consenso que mudanças importantes ocorreram no mundo depois das duas Grandes Guerras. Os teóricos usam palavras e abordam fatos de formas diferentes, mas é inegável e geral que a decadência do modernismo acabou abrindo espaço para a evidência do pós-moderno, terminologia ainda discutida, porém já sacramentada, na falta de outra melhor. O que germina então na pós-modernidade?

Reverendo a história no pós-guerra, os planos de reconstrução americanos avançaram rumo Oriente e Ocidente, acompanhados de um americanismo triunfante, travestido de indústria cultural,<sup>4</sup> que tratava de expandir uma ideologia de consumo e mercado na vida cotidiana dos povos, através da expansão de oferta de bens simbólicos,<sup>5</sup> entre esses e com destaque

---

<sup>4</sup> Indústria cultural: conjunto de subsistemas sociais e econômicos responsáveis pela produção e difusão de informações e valores, e pela constituição de novos padrões estéticos, a partir do que se considera um processo de industrialização da cultura (Wajzman; Almeida, 2002, p.18)

<sup>5</sup> Mercado de bens simbólicos: espaço social regido por leis econômicas e que se encontra organizado em torno de mercadorias imateriais, por isso simbólicas, que são os valores e as percepções geradas a partir de

especial: o cinema, a publicidade e a canção popular. Mitos e símbolos revezam-se nessa galeria: James Dean, Coca-Cola, calça *jeans*, jaqueta de couro, o *rock* de Elvis Presley, Bob Dylan e suas canções-protesto, Luther King, JFK, Marilyn, Vietnã, *hippies*, Neil Armstrong, Wahrol, satélites, a aldeia global; no outro lado do Atlântico, Beatles, Rolling Stones, Gagarin, Twigg, Debord (BRANDÃO e DUARTE, 1990). Por trás desses mitos esteve toda uma revolução cultural que descredenciou governos, implodiu moral anglicana, moral vitoriana, descentrando a matriz do branco ocidental europeu e, com ela, a modernidade toda.

Featherstone (apud DE CARLI, 2002, p. 125-126) salienta, como característica relevante do pós-modernismo, as mudanças que ocorreram na esfera cultural mais ampla, e a decorrente explosão de interesses centrados em estudos da cultura. Essas mudanças têm sua origem nos novos modos de teorização, apresentação e divulgação de trabalhos artísticos, intelectuais e acadêmicos e a hibridização, entre eles; novos modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos que fazem mudar as relações e interdependências de poder entre grupos e classes sociais; novos modos, práticas e experiências cotidianas de diferentes grupos em busca de novas estruturas de identidade.

A pós-modernidade trata, portanto, de mudanças culturais significativas advindas da “interdependência, mistura, hibridização de vários setores e atores do corpo social”

Em nome da cultura, pratica-se na ciência, segundo Jameson (1985, p. 13), mais e mais uma espécie de discurso simplesmente denominado ‘teoria’ que, ao mesmo tempo, é todas as matérias das velhas categorias. A ciência rigorosa dá espaço à ciência cognitiva, à transdisciplinaridade, à recusa do método, à prosa do mundo. Pululam, como grito do recalcado, as histórias da vida privada, do perfume, do sexo, do corpo, da criança e etcetera. É o fim da grande narrativa oficial e o advento da sociedade da comunicação (VATTIMO, 1991, p.12) e das várias histórias divulgadas pelos meios crescentes.

O crescimento dos meios de comunicação em número, acesso e natureza permitiu o despontar da *cultura das mídias*, expressão de Santaella (2003) que designa uma cultura intermediária situada entre a cultura de massas e a cibercultura. Cultura das mídias é a cultura da sementeira dos bens simbólicos por excelência. Multiplicaram-se os meios de produção, de distribuição e de acesso. Muitos produtos e a disponibilidade deles vêm propiciar a escolha e o consumo individualizado em oposição ao consumo de massa. São

---

produtos da indústria cultural: livros, jornais, filmes, publicidade, programas de TV, rádio, sistemas informáticos ou multimídia, entre outros (Wajzman; Almeida, 2002, p.18).

esses processos que Santaella (2003, p. 17) considera constitutivos de uma *cultura das mídias*.

Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca de informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que preparam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação.

Não nos tornamos “rebanhos”, pelo contrário, somos autônomos e hiperindividualistas segundo Lipovetsky (2004), mas essa informação é apenas para apontar o sinal dos tempos, não adentraremos a ela.

Os valores da vida privada e o presente cotidiano passam a colidir diretamente com o “Prometeu Laborioso”, engajado no mito da modernidade e do projeto redentor para o homem (MAFFESOLI, 2000). Nem o Deus único judaico-cristão, nem a razão iluminista, que constituiu a idéia fundadora da modernidade, nem o estado-nação desenvolvimentista conseguiram sustentar o homem utópico e a idéia do progresso unilinear. As estruturas de base: Estado, Igreja, Família, Escola, Universidade, alicerçadas e responsáveis pela manutenção desses fundamentos, perderam o brilho e enfraquecidas se tornaram vulneráveis focos de crítica.

Maffesoli (2004, p. 24) fala que as importantes mudanças de valores que aconteceram nas nossas sociedades correspondem à passagem de uma episteme<sup>6</sup> e o começo de outra. Essa passagem acontece quando se constata a saturação, ou seja, o momento determinado em que “um conjunto cultural perde sua evidência, não tem mais consciência do que ele é, não sabendo mais quais são os grandes mitos que o animaram”. Essa idéia de episteme é ampla e fala de um conjunto civilizacional, e pode bem ser aplicada a reação de toda uma sociedade às frustrações do projeto moderno, quer pelas duas grandes guerras, quer pela ineficiência dos governos.

A episteme é o sentimento que une as pessoas, faz o laço, que está no seio da sociedade. Ela é o substrato da ordem da vida privada que modela e também é modelado pelas movimentações da política, ou seja, sua curva de vida, o nascer e morrer da potência e do

---

<sup>6</sup> Episteme; uma coisa misteriosa, que faz o laço, que une as pessoas entre si. Não são as grandes obras da cultura, mas o substrato, o *background* no qual cada um se banha sem prestar atenção. É o que a gente suga no leite materno, com o qual a educação nos modela (MAFFESOLI, 2004).

poder. A potência<sup>7</sup> é o laço que aglutina grupos sociais em torno de uma idéia fundadora, de natureza efervescente, apaixonada, desordenada, que tem por meta o poder. Atingido o poder a efervescência (episteme e potência) se organiza, legisla, exerce a coerção e se encastela, completando o ciclo potência/poder/inércia. (MAFFESOLI, 1997).

A modernidade também falhou com o indivíduo, sujeito das práticas e experiências cotidianas, falhou porque considerou a humanidade como um todo, porque supôs um desejo para o homem branco europeu, como se esse pudesse representar o desejo de todo e qualquer homem. Redução crucial e racionalista da modernidade que, apesar de toda a aposta num devir redencionista, não conseguiu calar as diferenças (VATTIMO, 2002). As minorias, ou melhor, os oprimidos manifestam-se pelo reconhecimento de suas identidades políticas. Jovens, negros, trabalhadores, estudantes universitários, mulheres, *gays*, lésbicas e simpatizantes puxam o cordão das mudanças que alimentam e são alimentadas pela cultura das mídias que faz circular nas suas veias toda sorte de fabulações, mediações simbólicas, bens da indústria cultural.

Aqui, retornam as primeiras questões e mais outras, relacionadas ao objeto de estudo dessa comunicação:

Quem, então, arrisca a voz na instabilidade, na incerteza? Quem, então, formula hipóteses, propõe pistas para reflexão? Quem, então, pondera sobre as imponderáveis transformações? A indústria cultural menos radical, aliada à lógica de mercado comprometida com a senescência programada, com polêmicas e sensacionalismo? A arte-vida? A arte-ideologia? A ficção que organiza, sugere, monta, profetiza diferentes leituras dos fatos? O melodrama moralizante, destinado à massa, que trabalha o fato social, reconhece a virtude, maldiz a transgressão? A tecnologia que cria cenários, manipula imagens que conspiram contra a realidade?

### **“Fahrenheit 9/11”: um embate.**

---

<sup>7</sup> Potência: uma força em muitos aspectos imaterial, que Maffesoli (1997, p. 30-32) chama de imaginal, que funda o político e serve-lhe de garantia e legitimação ao longo das histórias humanas. É a idéia fundadora que pode ser mito, história racional, fato lendário que serve de cimento social. Maffesoli remete seguidamente nos seus livros à tensão paradoxal da dialética Poder- Potência, o primeiro representado pelo Estado, sob suas diversas modulações, sua ordem mortífera e sua razão monovalente e a Segunda representada pelo social, sua vitalidade, sua desordem fundadora enfim, a sociedade “sem qualidades”.

Essas questões podem ser aplicadas à polêmica instalada com o filme “Fahrenheit 9/11” de Michael Moore, daqui para frente MM. Os pressupostos teóricos da introdução deste artigo tentam dar conta de alguns aspectos da produção do filme e das provocações e reações noticiadas em artigos, entrevistas, reportagens de jornais, revistas e TV, mundo afora, desde o seu lançamento.

Para começar vamos tentar reproduzir uma sinopse da memória coletiva, isenta de paixões.

Tudo começou em 9 de setembro de 2001 com o ataque às Torres Gêmeas. Os EUA e o mundo não imaginaram tamanha ousadia terrorista, não imaginaram ser tamanha a sua vulnerabilidade. O centro nevrálgico do sistema ocidental capitalista contemporâneo foi atingido. Ele e seu duplo, são duas torres, o que é e o que representa (BAUDRILLARD, 2003). Os EUA querem desesperadamente um culpado, querem a cabeça de Bin Laden. Desconfiam que o Iraque dá asilo ao terrorista, e mais, que o Iraque possui armas de destruição em massa. Muitos defendem a hipótese de que o domínio do petróleo é o centro da questão. Os EUA desprezam pareceres de organismos reguladores mundiais e invadem o Iraque. Bush assume o comando totalitário e ataca ou revida. A guerra mata civis iraquianos e jovens americanos, ingleses. Saddam Hussein é preso. A guerra acaba e os EUA assumem a reconstrução do Iraque democrático, sem considerar se essa era a vontade do povo e a forma apropriada de alcançá-la. Mortes continuam.

## **O que faz “Fahrenheit 9/11” tão discutível?**

### **Hipótese I**

O discurso do cinema extrapola a função entretenimento e adentra o espaço político e jornalístico denunciando a inércia, o Estado abstrato, o administrador econômico, a circulação das elites.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Maffesoli (1997, p: 68) utiliza exemplos da literatura ( Kafka e Zinoviev) para mostrar que a potência das massas, aparentemente indomáveis, prossegue, desemboca de modo inexorável na consagração de novos tiranos. O princípio de realidade da coisa pública possibilita a uma minoria (a elite) saber e poder manipular a maioria para tomar, fortalecer ou conservar o poder. Todas as revoluções são exemplos concretos dessa *circulação das elites*. Isso foi bem mostrado pela Revolução francesa, pela Revolução russa. Nem sequer o movimento de 1968 escapou essa lei. De fato, é uma banalidade lembrar que os *soixante-huitards* estão, em todos os domínios, nos postos de comando da sociedade: como bons herdeiros, tornaram-se proprietários daquilo que contestavam.

Nesses tempos de liberalismo e globalização, é significativo o meio de comunicação escolhido por MM, o cinema, que realiza plenamente a profecia de Benjamin, sobre a democratização da obra de arte e, por acréscimo, da cultura com as técnicas de reprodução desenvolvidas a partir da fotografia e do cinema. Registra-se que a audiência de “Fahrenheit 9/11”, lançado mundialmente em julho de 2004, ultrapassou milhares de vezes a venda dos livros *11 de setembro* (2001) escrito por Chomsky, *Bush em guerra* (2002) de Bob Woodward, *Power inferno* (2003) de Baudrillard, e muitos outros que versavam sobre terrorismo, EUA e guerra do Iraque. O próprio MM diz:

Faço filmes para gente comum, não para políticos intelectuais, que se regozijam com sofisticados ensaios que serão lidos por uma minoria de iniciados. A esquerda ficou na declamação, na denúncia oca, perdeu completamente a capacidade de seduzir o povo. Tampouco soube manter qualquer rasgo de humor. Eu apelo ao humor porque falo ao casal que vai ao shopping no sábado e escolhe das duas horas do seu tempo para mim e não para o Shrek 2. (ZH, 31/07/2004, entrevista com Diego Batlle)

Há que considerar, reverenciando Santaella (2003), que a cultura das mídias é a cultura da semeadura dos bens simbólicos por excelência, e que ela é a responsável pelo nosso treinamento na busca de informações e de entretenimento individualizados. Reverenciando Lipovetsky (2004, p. 29-70), há que considerar que o consumo de comunicação gerou um indivíduo desinstitucionalizado e opcional e, por consequência, uma consciência individual, que se acredita liberada da moral religiosa e do dever com o Estado. A mídia é uma das forças subentendidas na dinâmica de individualização dos modos de vida e dos comportamentos da nossa época.

Ainda há que considerar que, atrás da força-potência comunicacional do cinema, verifica-se o poder-político inerte e acomodado, que não se relaciona mais com o credo, a bandeira. Cede às negociações, aos conluios e conchavos propiciando a dança das cadeiras das elites circulantes, da situação ou da oposição, que, acima de tudo, querem permanecer no poder. É quando o poder torna-se o ideal em si e não corresponde mais às ideologias (MAFFESOLI, 1997, p. 68 ). Baudrillard (2000, p. 107-111) avança apontando a impotência e a inércia das elites democráticas de direita ou de esquerda frente ao avanço de Le Pen, diz ainda que o líder é o único que opera uma redução radical da distinção entre direita/esquerda, já que conluios e conchavos se estabeleceram entre direita e esquerda na

cumplicidade de manter-se no poder. Talvez o cinema, que atua diretamente no imaginário coletivo, às vezes de forma avassaladora, possa colaborar como vírus atuante na inércia da sociedade global.

Para Morin (2002, p. 270), o cinema, a literatura, a poesia, a canção, não devem ser estudados unicamente de maneira formal, deve-se aprender a retirar dessa *cultura comum* saberes ligados uns aos outros que falam profundamente de nós mesmos, nossas experiências de vida, verdades, ética e porque não política, poder, civilizações.

Fernando Mascarello<sup>9</sup> (2004) inicia seu artigo dizendo que “[...] já se pode considerar ‘Fahrenheit 9/11’ uma das maiores peças de propaganda da História. Cabe aos cientistas políticos ou historiadores analisar estes aspectos do filme, buscando intuir, entre outros pontos, em que medida auxiliará o planeta a se defender do belicismo da administração Bush”. E, Isabela Boscov<sup>10</sup> (2004) complementa:

O maior mérito de ‘Fahrenheit 9/11’ é restituir uma certa dose de irreverência no debate político. A combinação de informação, diversão e vituperação de MM é, em muitos aspectos, um retrocesso em relação ao pendor crítico que a mídia americana demonstrou em outras passagens de sua história, como a era Nixon. Mas não há dúvida também que ele representa um avanço em relação a um retrocesso maior – o clima de consenso obrigatório e coerção que o EUA tem vivido desde 11 de setembro de 2001. [...] a mídia americana abriu mão daquilo que é privilégio e a função da imprensa: questionar.

É consenso na mídia global que a imprensa americana, depois do ataque às Torres Gêmeas e durante a Guerra do Iraque, cedeu às decisões políticas do governo americano de censurar, não expor ao mundo tudo o que viesse a fragilizar, ainda mais, a imagem dos EUA na sua cruzada contra o terrorismo.

## **Hipótese II**

O filme liga o que registramos em fragmentos de memória oriundos de fragmentos da mídia: tudo o que foi visto, ouvido, lido, *zapped* nos três últimos anos e que diz respeito a três acontecimentos de repercussão global – o ataque às Torres Gêmeas, a convocação Bush e a Guerra do Iraque. O filme monta, à maneira do diretor, as peças de um quebra-

---

<sup>9</sup> Fernando Mascarello, doutor em cinema pela USP, em artigo publicado no Caderno de Cultura da ZH de 31 de julho de 2004

<sup>10</sup> Isabela Boscov, articulista da Revista VEJA, em reportagem de 28 de julho de 2004



cabeças que vem desafiando o imaginário de qualquer sujeito engajado nos acontecimentos mundiais. As contradições experimentadas e teorizadas sob os signos do terrorismo, do poder e da guerra desde 11 de setembro de 2001 têm representado a potência, a força matriz, capaz de corroer os últimos estandartes da ordem mundial contemporânea. Vivenciamos a queda do muro de Berlim e a dissolução da URSS que soterraram os fundamentos clássicos do socialismo. Agora, no vazio das Torres o esvaziamento do império americano e dos exageros do capitalismo, quem sabe?

“Fahrenheit 9/11” mostra o pensamento radical de MM, ataca o governo do país mais poderoso do mundo e os paradigmas ocultos que o dirigem, despertando paixões e ódios. É considerado por Paul Krugman<sup>11</sup>, tendencioso e manipulador, mas ao mesmo tempo um alerta a imprensa que não vem fazendo bem o seu trabalho. O jornal Washington Post classificou-o como uma bomba artística sobre a Casa Branca. Por essas e por outras, é comprovado que o filme excedeu o terreno cinematográfico e se transformou num feito político. Parodiando Morin (1991, p. 47) quando tenta caracterizar os turbilhões que promovem mudanças, arrisca-se a dizer que os acontecimentos recentes que abalaram a ordem mundial reúnem as condições subjetivas/objetivas para uma eventual revolução de pensamento, que institui novos fundamentos e transforma os paradigmas. O cinema imagina, acena, reconstitui o réquiem da bipolaridade ideológica que dominou o mundo desde o início da Guerra Fria. No início do século XXI, primeiro – “Adeus Lênin”<sup>12</sup> e adeus ao socialismo, depois – “Fahrenheit 9/11” escaldando os abusos do capitalismo.

Não podemos olvidar que a avançada tecnologia dos meios de comunicação, somada à rápida sobreposição das notícias da última hora, relegam, prematuramente, tudo para o passado. Os acontecimentos não perduram, sua frenética substituição compromete o julgamento de valor e especialmente a memória social. Sem valores e desmemoriados, perdemos o senso de história, tornamos-nos presas de uma ética de conveniências temporárias, ou ainda da circulação das elites.

---

<sup>11</sup> Paul Krugman: Phd em Economia pelo MIT – Massachusetts Institute of Technology. Escolhido por *The Economist* como um dos principais economistas internacionais. Seu livro mais recente *The age of diminished expectations: US economic policy in the 1990's*.

<sup>12</sup> “Adeus Lenin” título original “Good bye Lenin” (Alemanha, 2003), Direção Wolfgang Becker., candidato alemão à vaga dos concorrentes ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Outros acontecimentos terroristas vieram ocupar o imaginário coletivo, o massacre da escola Beslan na Rússia e as bombas na estação de metro de em Madrid. Esses atentados são tratados como “mais um” na sucessão frenética da mídia, ou vem confirmam os sintomas da sociedade doente?

### **Hipótese III**

O poder sob suspeita. O filme suspeita da legitimidade da eleição do presidente do país mais rico e poderoso do Planeta. Suspeita das justificativas oficialmente sustentadas para a guerra do Iraque. E comprova, com boas montagens cinematográficas, interpretações, proposições de MM. É uma das realidades possíveis para os acontecimentos? Confirmando-se ou não as propostas de MM, vale o exercício de elucidar os fatos, sob outra ótica. Aí, uma evidência que vem sustentar a teoria de Vattimo (1991), sobre as várias realidades que têm a chance de se apresentar na sociedade da comunicação, e desmanchar caoticamente a idéia de uma realidade, uma verdade. No “mar” de dúvidas das várias realidades, deve surgir o pensamento crítico e daí a promessa de emancipação. A multiplicação das mídias nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca de informação e do entretenimento que desejamos encontrar, completa Santaella (2003), contrapondo autonomia à manipulação.

E a mídia entrevista, reproduz controvérsias e declarações literais de vários informantes. Vejamos as realidades:

Isabela Boscov (VEJA, 28/7/2004) registra a declaração de MM, em 2003, na entrega do Oscar para “Tiros em Colombine”: “Vivemos em tempos fictícios, em que resultados eleitorais fictícios elegem um presidente fictício, que nos manda para uma guerra fictícia”.

Céli Regina Jardim Pinto<sup>13</sup> (2004) diz: “Em seu afã de denunciar o governo Bush como desastroso e medíocre, o diretor do filme ‘Fahrenheit 9/11’ deixa de lado temas como as complexas relações entre os EUA e o Oriente Médio, ou o trauma coletivo – concreto, não ilusório – do atentado a Nova York”.

Bob Woodward, jornalista que desvendou o escândalo de Watergate, diz:

---

<sup>13</sup> Céli Regina Pinto, professora do Departamento de ciência Política da UFRGS, em ZH Caderno de Cultura de 31 de julho de 2004

Ele (Bush) está sempre no comando, e é muito confiante. Confiante até demais. Tem intuição forte, mas por ser muito dono de si, às vezes não dá atenção a informações importantes. Seu faro lhe disse que as dúvidas sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque poderiam lhe causar problemas. Mas, mesmo assim, ele foi em frente e fez Colin Powell afirmar na ONU, seis semanas antes da guerra começar, que elas existiam. (VEJA, 28/07/2004).

O governo Bush, com dúvidas e intuições, soube tirar proveito da população fragilizada, aterrorizada pela desgraça do atentado às Torres Gêmeas. “Sob a psicologia da guerra o povo acredita, temporariamente em uma realidade mítica na qual seu país é completamente bom, seus inimigos são completamente maus [...] o povo quer desesperadamente acreditar em seus líderes e acaba enxergando atributos heróicos até no governo menos preparado”. Ilustra Paul Krugman (ZH, 11/09/04) citando literalmente Chris Hedges, autor do livro *War is a force that gives you meaning*.

MM em entrevista com David Sheff (Playboy, julho 2004) diz que “o governo Bush usou as 3000 vítimas do ataque terrorista para disfarçar seus planos direitistas. A tragédia foi uma dádiva ao governo”. E, confirma Paul Krugman (ZH, 11/09/2004): “O governo Bush teve enormes benefícios políticos ao levar o país a uma guerra”.

As suspeitas de MM; o esquecimento de MM em relação ao terrorismo concreto do ataque às Torres Gêmeas; a forma branda como Woodward trata o totalitarismo wayneiano de Bush, confirmando a mentira autoritária e oficial frente à ONU; os enormes benefícios políticos que Bush teve ao levar o país a uma guerra, enfatizados por David Sheff e Paul Krugman, são as realidades controversas e transparentes num cenário complexo. Para buscar uma verdade possível, há que se cruzar os fatos.

#### **Hipótese IV**

O cinema como meio de comunicação, cultura e entretenimento é sedutor e desperta identificação. O argumento de “Fahrenheit 9/11” é bem-articulado com imagens, tem apelos melodramáticos, tem registros jornalísticos, situações constrangedoras para o poder instituído, tem violência, mazelas, humor, tem relações suspeitas e sugere ligações indecorosas. Desenha um cenário que preenche o sentimento geral de descrédito na política e nos poderes constituídos, não só nos Estados Unidos como em outras nações.

O sintoma generalizado do descrédito nas instituições, por merecimento ou não, facilita a identificação do espectador com o argumento articulado em “Fahrenheit”. Enfim, mérito ou

demérito, o filme apela para o pensamento frágil, ou *il pensiero debole* (MAFFESOLI, 1996, p. 331), aquele que se observa “no meio universitário, no trabalho social, no serviço público, nos movimentos políticos, onde as tribos se fecham em torno de interpretações convincentes do que se deve pensar, dizer, fazer”. *Il pensiero debole* é o que concorda com o novo herói nacional e passa a defender a causa com unhas e dentes. É um pensamento mais apaixonado do que questionador. MM faz em “Fahrenheit” uma interpretação convincente, dá o dado como dado. O espectador americano anti-Bush tende a assumir o dado como dado, o mesmo ocorre com o espectador não americano, marcado pelo usual anti-americanismo e, ainda, incitado pelo emergente espírito do tempo anti-Bush. Os republicanos ferrenhos, defensores do *american way of life*, identificam-se pelo avesso apontando o oportunismo e populismo de MM, enquanto Bush é o herói salvador.

Contardo Callegaris (2003) critica todos os filmes que suscitam a plenitude exultante de uma identificação, pois eles acabam com a chance de dialogar e pensar. No caso de “Fahrenheit”, a interpretação convincente, por vezes tendenciosa e exagerada, de MM somada à identificação do espectador, com as suas idéias a favor ou mesmo contra, tem papel benéfico porque ressuscita a polêmica, especialmente por envolver um país hegemônico como os Estados Unidos.

Aí um caráter importante do uso de um poderoso meio de informação e entretenimento para fins políticos, caracterizando a pós-modernidade nos novos modos de teorização e apresentação de trabalhos híbridos de arte e política; novos modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos, no caso o cinema, que desestabilizam as relações de poder entre governo e governados, entre partidos políticos e até entre nações; desassossegam a inércia das coisas públicas.

Reitera Fernando Mascarello (ZH, 31/07/2004):

No caso de *Fahrenheit*, somos conduzidos a uma instigante problematização das relações entre poder e conhecimento no mundo contemporâneo, e, nesse contexto, do papel e das possibilidades da imagem cinematográfica [...] Toda essa informação é organizada sob a forma de grande espetáculo, um legítimo show da verdade – ou, melhor dizendo, um entretenimento denúncia – de forte impacto sobre o espectador.

*O modus operandi de Fahrenheit 9/11*, que mescla informação e entretenimento, “rendeu quase 100 milhões de dólares em menos de um mês de sua estréia e pode surtir mais efeito, atingir

mais pessoas do que a propaganda política tradicional”, comenta Isabela Boscov (VEJA, 28/07/2004).

As manifestações firmes e antagônicas das principais personagens da vida real e do filme merecem um espaço final, mas não menos importante, neste trabalho. Enquanto MM afirma convicto, em entrevista com Diego Batlle (ZH, 31/07/2004): “Meu filme tem objetivos políticos concretos [...] minha missão é entreter [...] se além disto, consigo tirar o espectador da letargia e fazer com que na saída do filme procure se registrar para votar nas eleições e, assim reverter o penoso estado das coisas, então terei atingido meu objetivo”.

*Bob Woodward* confirma a convicção de George Bush que diz ter a “missão de libertar as pessoas” e se sente investido desta responsabilidade. Ele (Bush) acredita na democracia, nos benefícios de um lugar onde todos são tratados de forma igualitária. (VEJA, 28/07/2004).

Depois deste processo de revisão, sempre parcial, dos fatos o mínimo que se pode dizer é que MM colocou o governo do seu país numa saia justa ímpar. Utilizou o cinema, o produto mais tradicional da disseminação ideológica do *american way of life*, para denunciar a própria ideologia americana. É a criatura investindo contra o criador. MM aprendeu também a tática terrorista de ataque, que atingiu as Torres Gêmeas: inusitada e inesperadamente, atacar dentro do próprio país com armas familiares, manejadas por outras pessoas, com outros objetivos. “Fahrenheit 9/11” atingiu seu alvo, o imaginário social, com saldo dez de polêmica e zero de mortos ou feridos.

O mérito desse híbrido de cultura e arte, “Fahrenheit 9/11”, é o exercício de lançar novas versões para explicar o acontecido e, novas hipóteses para o que tememos acontecer, com base em intuições, estatísticas e previsões. O filme em questão é um exercício do pensamento complexo, provocado pela circulação da informação na economia de bens simbólicos, que toma por base fatos vividos pela sociedade. Apesar da seriedade dos fatos, o que preocupa é a atmosfera de entretenimento e a prematura transferência dos acontecimentos para o passado, tal a velocidade dos acontecimentos que circulam na mídia. Serão essas também formas da transfiguração do político?

### **Referências bibliográficas**

BAUDELAIRE, C. *O meu coração a nu*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

BAUDRILLARD, J. *Power inferno*. Porto alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. J. A conjuração dos imbecis. In: MARTINS, F.M e SILVA, J.M (orgs). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000, 2ed.

BRANDÃO, A.; DUARTE, M. *Movimentos culturais de juventude*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1990.

CALABRESE, O . *A idade neo barroca*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

DE CARLI, A. M. *O sensacional da moda*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

FEATHERSTON, Mike. *Cultura de consumo e Pós-modernismo* . São Paulo: Studio Nobel, 1995.

IANNI, Otávio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da cultura Liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina: 2004

MAFFESOLI, M. *Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social*. In: MARTINS, F.M E SILVA, J.M (orgs). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000, 2ed.

\_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Transfiguração do político*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *O método IV*. Portugal: Editions du Seuil, 1991.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Abril cultural, 1983.

OUTHWAITE, W. &BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humanos*. São Paulo: Paulus, 2003.

VATTIMO, G. *A sociedade Transparente* . Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

\_\_\_\_\_. *A filosofia e o declínio do ocidente*. In: MARTINS, F.M E SILVA, J.M (orgs). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000, 2ed.

WAJNMAN, S. e ALMEIDA, A. *Moda, Comunicação e Cultura*. São Paulo: Arte & Ciência NIDEM/UNIP; FAPESP, 2002

## **PERIÓDICOS:**

JAMESON, F. Pós-modernidade e Sociedade de Consumo. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, nº 12 p. 16-15, Junho 1985.

MAFFESOLI, M. *Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social*. Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, nº 23, abril 2004.

Bob Woodwad (entrevista). *Bush manda em tudo*. Revista VEJA, 28 de julho de 2004 – (p.11/15).

Contardo Calligaris. Ilustrada. Folha de São Paulo, 10 de abril de 2003, E 8.

Céli Regina Jardim Pinto. *Simulando contra Bush*. ZERO HORA, 31/06/2004 – Segundo Caderno – Cultura. (p. 4).

David Sheff entrevista M. Moore. *Michael Moore*. Revista PLAYBOY, julho de 2004 (p.35/44).

Diego Batlle. *O pesadelo de George W. Bush*. ZERO HORA, 31/06/2004 – Segundo Caderno – Cultura. (p. 8) artigos::;

Isabela Boscov (reportagem). *Yes, Eles tem homem-bomba*. Revista VEJA, 28 de julho de 2004 (p.103/107)

Fernando Mascarello. *O cineasta do Bem versus o presidente do Mal*. ZERO HORA, 31/06/2004 – Segundo Caderno – Cultura. (p. 5)

Paul Krugman (NY Times) Reportagem especial.: *11/9 Há três anos, o mundo é outro*. ZERO HORA, 11/09/2004, (p.15)